

8. Género

“Eu encontro na música uma ferramenta de produção e invenção e intervenção sobre as minhas relações”: ativismo, pedagogias culturais e escrita de si em Linn da Quebrada

Leal, Leandro; leandroleal@live.com; Dinis, Nilson Fernandes; ndinis@ufscar.br (orientador)
Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Em um contexto de acirradas disputas discursivas envolvendo questões de gênero/sexualidade, com destaque para a relação dessas temáticas com a Educação, chamamos a atenção para um fenômeno, ocorrido com bastante força nos últimos anos, de emergência de artistas que têm ocupado importantes espaços públicos e midiáticos, tensionando e problematizando os regimes de saber-poder sobre corpos/gêneros/sexualidades, questionando os lugares identitários e subjetividades colocadas pela heteronormatividade, pelo binarismo de gênero, pelas questões étnico-raciais. Nesse universo, nossa curiosidade é provocada pela potência TRANS-gressora da multiartista Linn da Quebrada e seu disco *Pajubá*, lançado em outubro de 2017. Linn, através de suas músicas e performances, e em especial de seu álbum autoral, faz da sua vida arte e, na e a partir da produção artística, escreve a si e sobre si, inventando outros possíveis em linguagens, modos de (r)existência, de (des)subjetivações. Assim, objetivamos situar Linn e seu *Pajubá* no contexto de emergência dessas estratégias políticas que se dão no campo da cultura, além de discutir como ela e suas produções se inscrevem no campo das pedagogias culturais e dos ativismos, disputando e prescrevendo sentidos outros de corporalidade, subjetivação e escrita de si. Para tanto, ao pensar sobre a intersecção entre arte, corpo, estética, ativismo, política e pedagogias culturais, numa perspectiva pós-estruturalista e pós-identitária, busca-se apoio nas provocações e ferramentas analíticas propostas por Michel Foucault, pelos Estudos Culturais e Estudos *Queer*, além de estabelecer aproximações com as pesquisas de/sobre ativismos.

Palavras-chave: Linn da Quebrada. Gênero/Sexualidade. Ativismo. Pedagogias Culturais. Escrita de si.

Introdução

[...] cada prática de pesquisa é uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, que sempre está assimilada pela formação histórica em que foi constituída. Formação histórica esta que marca o lugar discursivo de onde saímos; de onde falamos e pensamos; também de onde somos faladas/os e pensadas/os; de onde descrevemos e classificamos a(s) realidade(s) (CORAZZA, 2007, p. 121).

Acompanhando a perspectiva de pesquisa descrita por Sandra Corazza (2007), este texto-processo se constitui enquanto um esforço de compreender, no nosso contexto atual, como se dão os ensinamentos sobre gênero e sexualidade. É uma característica marcante de nossos dias a frequente discussão sobre tais questões, sobretudo no campo da Educação escolar – em especial, em decorrência das disputas pela retirada dos termos “gênero”, “sexualidade” e “diversidade” dos Planos de Educação. Ao passo em que há um movimento que busca apagar e silenciar tais discussões, notamos uma cada vez maior visibilidade dessas questões nos espaços públicos cotidianos,

inclusive com notável presença da temática nas mídias de massa – como nos casos das personagens LGBTIQ*¹ em novelas e filmes.

Nesse contexto, adotando uma perspectiva de pesquisa pós-estruturalista, buscando “criar linhas de fuga que apontem outras formas de produção de conhecimentos que subvertam as relações saber-poder e cartografem outras formas de constituição de saberes” (PEREIRA; DINIS, 2015, p. 12), tem me chamado a atenção os processos pedagógicos sobre gênero e sexualidade que se realizam para além da instituição escolar – ou, ainda, que tensionam a noção de que a escola é, por excelência e definição, o lugar próprio e exclusivo da produção de conhecimento e saber. Assim, sendo atravessado pelas provocações propostas pelos Estudos Culturais e pelos Estudos *Queer*, tem me chamado a atenção o fenômeno contemporâneo de emergência de artistas que, articulando variadas linguagens e estéticas artísticas com propostas de ativismos políticos, têm ocupado importantes espaços públicos e midiáticos.

¹ LGBTIQ é uma das siglas mais frequentemente adotadas como termo para identificar lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, intersexuais e queer. Por ser um acrônimo em constante disputa, optei, por ora, por utilizar o asterisco para evidenciar o caráter generalista

e transitório da sigla, a qual, na perspectiva desse texto, pretende incluir as mais diferentes possibilidades de identidades e subjetividades desviantes da heteronorma e do binarismo de gênero.

No que se refiere às dissidências sexuais e de gênero², podemos observar um considerável número de artistas que questionam, a partir de suas performances, os lugares identitários e subjetividades colocadas pela heteronormatividade, pelo binarismo de gênero e pelas questões étnico-raciais. Dentre essas³ artistas, cada qual com seu estilo e gênero musical, destacamos: Liniker Barros, da *Liniker e Os Caramelows*; Linn da Quebrada; Pablló Vittar; Glória Groove; Assucena Assucena e Raquel Virgínia, de *As Bahias e a Cozinha Mineira*; São Yantó; Rico Dalasam; Mc Xuxu; Jaloo; Lia Clark; Mulher Pepita; Johnny Hooker; Caio Prado e os *Não Recomendados*; Almério; Achiles; Candy Mel e a *Banda Uó*; Verónica Decide Morrer; Solange, Tô Aberta; Mc Trans; entre tantas outras artistas que já têm sido consideradas, mesmo que de maneira genérica, como pertencentes a movimentos artísticos denominados como MPBicha, Rainbow Power, MPBTrans, Música Transviada...

Ainda pensando sobre e a partir do contexto histórico e das relações de poder

que constituem a mim e a essa pesquisa, destaco um momento em que essas artistas e suas “artes engajadas” passam a ocupar mais fortemente os espaços públicos coletivos, notadamente as ruas e praças – em contraponto aos espaços midiáticos hegemônicos –, além de “viralizarem” em plataformas virtuais como *Youtube* e *Facebook*, demarcando um acontecimento de emergência de estratégias políticas que se dão no campo da prática cultural (COLLING, 2016; 2017). Nessa perspectiva, ao tomar contato com algumas dessas artistas, fui primeiramente atraído pela performance de Liniker Barros, muito por conta da sua vigorosa voz de tonalidade agradavelmente grave, além das atraentes e pouco convencionais melodias e letras de suas músicas, mas sobretudo pelo estranhamento causado ao me deparar com um sujeito que borra as fronteiras de gênero e sexualidade, me despertando forte curiosidade sobre tudo que envolvesse aquela pessoa. E eis que, imerso num processo rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 2000), sou fisgado por outra artista deste coletivo, a qual mantém relação próxima com Liniker,

² Utilizamos a noção de dissidências, concordando com Marcelo de Tróí e Leandro Colling, “em contraposição à ideia de ‘diversidade sexual e de gênero’, já bastante normalizada, excessivamente descritiva e muito próximo do discurso da tolerância, ligada a uma perspectiva multicultural festiva e neoliberal que não explica como funcionam e se produzem as hierarquias existentes na tal ‘diversidade’”. (TRÓI; COLLING, 2016, p. 128).

³ Com a proposta de provocar estranhamentos e deslocamentos, utilizarei a flexão de plurais no feminino, subvertendo as regras de concordância nominal da gramática normativa (que normatiza, enquanto linguagem e discurso, o lugar subalterno designado aos corpos que carreguem os signos do feminino).

inclusive sendo presenteada com uma música escrita sobre/para ela⁴: Linn da Quebrada.

A potência transgressora de Linn, uma artista/ativista que se autoidentifica como “Bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero” (LINN DA QUEBRADA, [2017]), me tencionou a problematizar as questões que envolvem a intersecção entre arte e política, me levando às produções que têm pensado a arte “a partir de temas como linguagem, poder, subjetividade, diferença, processos semióticos [...], pensar toda e qualquer produção artística como aquela capaz de causar efeitos de verdade, posicionar sujeitos, legitimar e normatizar as subjetividades” (THÜRLER; COLLING, 2016, p. 5).

No exercício de imersão nessa temática, me encontrei com a formulação do conceito de “artivismo”, o qual “propõe um foco de análise dirigido às sobreposições e intersecções entre experiência política e experiência estética” (GIOVANNI, 2015, p. 14). Numa tentativa de delimitação conceitual, embora reconhecendo sua incompletude, Paulo

Raposo assim traça uma concepção do termo:

Artivismo é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas [...]. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. *Artivismo* consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística - nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística (RAPOSO, 2015, p. 5 – grifos do autor).

Desse modo, este texto-processo propõe um “exercício de escuta, em que mais do que partir com pressuposições teóricas e com uma metodologia a serem aplicadas, há uma produção dialógica” (FRANCISCO, 2016, p. 57) em que “o desenvolvimento teórico sobre o conceito de artivismo passar a ser realizado a partir da observação e descrição do fenômeno” (idem, p. 57), ou seja, as performances artivistas da Linn da Quebrada.

⁴ A música se chama Lina X e faz parte do disco Remonta, lançado por Liniker e Os Caramelows em 2016.

Objetivos

Ao me debruçar sobre o “potencial da arte na criação de novas subjetividades que fogem às normas de gênero e sexualidade” (FRANCISCO, 2016, p. 50), com enfoque nas performances artistas de Linn da Quebrada, que “interseccionam as dissidências sexuais e de gênero com classe e etnia” (GUIMARÃES; BRAGA, 2017, p. 28), se configura enquanto objetivo geral desta pesquisa compreendermos em que medida a Linn e suas produções se inscrevem no campo das pedagogias culturais, disputando e prescrevendo novas possibilidades de corporalidade e subjetivação.

Com vistas a atender ao objetivo central, pretendo:

- 1) Compreender e problematizar o conceito de ativismo;
- 2) Analisar as letras das músicas da Linn buscando compreender como se dão os modos e processos de subjetivação engendrados por e a partir delas.

Materiais e Métodos

Ao assumir a perspectiva pós-estruturalista como abordagem epistemológica dessa pesquisa, fico, de

certo modo, impedido de definir a priori um método específico de análise do corpus investigado. Ao contrário, me coloco num processo constante de vai-e-vem, de ziguezague, em que

as metodologias devem ser construídas no percurso da investigação, de acordo com o objeto de pesquisa e as questões elaboradas e suscitadas, pois não é possível estabelecer antecipadamente os passos ou procedimentos denominados metodológicos e construir caminhos em abstrato ou modelos prévios. Em outras palavras, a perspectiva pós-estruturalista entende que não se pode estabelecer de antemão o processo de pesquisa, pois nada assegura que o planejado *a priori* se concretize ou que postulações teóricas previamente estabelecidas funcionem. (TEDESCHI; PAVAN, 2017, p. 2).

Nesse sentido, ao adotar o lugar da dúvida, da suspeição constante e da “invenção” (CORAZZA, 2007), e admitindo estar em meio a um jogo de disputas por produções de verdades, penso que a arqueogenealogia foucaultiana pode oferecer importantes contribuições para a busca do atendimento dos objetivos deste estudo, mesmo que ainda não de maneira definitiva. Assim, concordando com Reginaldo Pereira e Nilson Dinis (2017), penso que adotar a ferramenta arqueogenealógica foucaultiana em pesquisas no campo da educação, e nessa pesquisa em específico, pode “subverter as prescrições e normatizações dos modelos

tradicionais de construção e interpretação dos dados da pesquisa e, ao mesmo tempo, possibilita[r] cartografar outras formas de constituição de saberes” (PEREIRA; DINIS, 2017, p. 72).

Para tanto, para que uma investigação genealógica possa ser realizada, torna-se necessário

Um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender o seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos [...]. A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência (FOUCAULT, 1982, p. 15).

Partindo desses movimentos, e me entregando a eles, pretendo realizar a análise cultural das significações das/nas/pelas letras das músicas da Linn a partir e com os Estudos Culturais, uma vez que esta é uma

vertente de análise que abre possibilidades importantes para a investigação científica que tenha como centralidade os processos culturais que envolvem as relações sociais e de poder na esfera da educação, mídia, comunicação, cinema, literatura, artes, arquitetura dentre outras, afinal, tais campos constituem-se como práticas sociais e discursivas imersas em

relações de saber e poder. (PEREIRA; DINIS, 2017, p. 87).

Ainda, cumpre destacar que, nesse processo de (re)escrita-(re)pesquisa, tenho sido atravessado por duas formulações que podem contribuir para a problematização do corpus de análise, embora apareçam ainda de maneira mais provocativa que propositiva: a perspectiva foucaultiana da “escrita de si”, que me coloca a refletir sobre as “artes de si mesmo”, “artes da existência”, “governo de si”, “processos/modos de subjetivação” (FOUCAULT, 1992; 2014); e a ideia de uma “escritura *queer*” ou “escritura da diferença” (BARTHES, 2004) enquanto a possibilidade de uma escrita que desterritorializa normas e convenções culturais, permitindo a transformação tanto da cultura como de quem lê (MAIA, 2013).

Em síntese, esse texto-processo-pesquisa tem se desenvolvido aliado às perspectivas pós-críticas, numa vertente pós-estruturalista, pós-identitária, decolonial e amparada pelas formulações propostas pelos Estudos Culturais e Estudos *Queer*.

Resultados e Discussão

Ao longo do processo de pesquisa, tem sido minha principal hipótese a ideia de

que a performance artista da Linn da Quebrada, sobretudo por intermédio das suas composições musicais, contribuem para, dentre outras possibilidades, um movimento de re(a)presentação de corpos e subjetividades desviantes da norma, que borram as fronteiras de classe, raça/etnia e gênero/sexualidade, prescrevem novos modos e processos de subjetivação e, ainda, problematizam as noções hegemônicas de corpo, gênero e sexualidade.

Nesse ínterim, tenho me dedicado a um exercício de imersão nas letras de algumas das músicas da Linn, as quais têm me intrigado e me levado, num processo rizomático, a novas perguntas e, conseqüentemente, me motivando a procurar novas significações na música e nas teorias que tem me embasado, as quais são constantemente revisitadas por mim.

Pajubá, definido pela artista como um disco de “afro-funk-vogue”, foi lançado no dia 06 de outubro de 2017⁵. Com uma pegada que acrescenta ao funk alguns “elementos sonoros vindos de diferentes partes do mundo, dialogando diretamente com as principais tendências da música

eletrônica mundial recente, entre elas o global gueto e o vogue” (LINN DA QUEBRADA, 2017a), o disco tem dezesseis faixas: (+muito) Talento; Submissa do 7º dia; Bomba pra caralho; Bixa Travesty; Transudo; Necomancia (com participação de Gloria Groove); Coytada; Pare Querida; Dedo Nucué (com participação de Mulher Pepita); Enviadescer; PiriGoza; Tomara; Serei A (com participação de Liniker); A Lenda; além de Bixa Preta e Mulher, que aparecem como bônus track na versão física do CD.

“De forma suja, nojenta, baixa, vulgar, sombria e verdadeira” (AUGUSTO, 2017), *Pajubá* é um espaço de resistência, de criação de novas linguagens e de novos espaços de (r)existência para as translebianas, as bichas travestys, as transviadas... “Eu falo de mim, mas em essência falo também de várias questões ligadas ao feminino e ao que sinto dentro da comunidade TLGB. Solidão, erro, afeto, corpos preteridos, eu queria um novo vocabulário para tudo isso”, nos ensina Linn da Quebrada (2017b).

⁵ O álbum pode ser encontrado em disco físico ou em diversas plataformas digitais, além de poder ser ouvido/assistido no canal da artista no *Youtube*, disponível

em:
<<https://www.youtube.com/channel/UCje0RwqumaW8Be1c1YKL7DA>>.

Conclusões

Na incursão a toda rede de significados contidos e produzidos pelas músicas em fase de escuta e análise, pude perceber a evidente potência pedagogicamente transgressora de Linn da Quebrada. Assim, concordo com Samilo Takara ao apontar que “Linn é artesanal em sua prática de experimentação da vida, ela tece, de fio em fio outras formas de entender e compreender as possibilidades que o corpo nos oferece como suporte das práticas de significação de gênero e sexuais” (TAKARA, 2017, p. 11). As performances artistas de Linn da Quebrada, em geral, e suas músicas, em específico, colocam “em movimento outras formas de ser. Nessa hora, ouve-se a bomba da terrorista explodir. Está instalado o desconforto de enfiar-se” (TAKARA, 2017, p. 11).

Bibliografia

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita seguido de novos ensaios críticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COLLING, Leandro. A emergência do ativismo da dissidência sexual e de gênero no Brasil da atualidade. IN: GARCÍA, Paulo César; THÜRLER, Djalma (orgs.) *Erotização da política e a política do desejo: Narrativas de gênero e sexualidades em tempos de cólera*. Salvador, EDUNEB, p. 74-86, 2016.

_____. Apresentação. *Dossiê Ativismo das dissidências sexuais e de gênero*. Revista CULT, São Paulo, p. 18 - 44, 01 ago. 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos I*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1, Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

_____. *Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: *Microfísica do Poder*. 3ª ed. (Trad.: Roberto Machado) Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRANCISCO, Eduardo P. Em busca de categorias teóricas-metodológicas para analisar a arte por uma perspectiva queer. *Revista Ambivalências*, v. 4, n.8, p. 50-80. Jul-Dez/2016. ISSN 2318-3888. Aracaju, 2016.

GIOVANNI, Julia Ruiz di. Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. In: *Cadernos de Arte e Antropologia. Dossiê Ativismo: políticas e performances políticas na rua e na rede*. Vol. 4, n. 2, 2015, p. 13-27.

GUIMARÃES, Rafael S.; BRAGA, Cleber. Vidobras dissidentes na música pop brasileira. *Revista CULT*, São Paulo, p. 28 - 31, 01 ago. 2017.

LINN DA QUEBRADA. *Página da artista no Facebook*. Disponível em: <<
<https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/>>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

MAIA, Helder T. C. "Constelações queer ou por uma escritura da diferença". In: COLLING, L.; THURLER, D. (orgs.). *Estudos e políticas do CUS* – grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade. Salvador: Edufba, p. 219-36. 2013.

PEREIRA, Reginaldo S.; DINIS, Nilson F. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PÓS-ESTRUTURALISTA E DOS ESTUDOS CULTURAIS PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 25, p. 72-93, maio/ago. 2017.

_____. Itinerários da pesquisa pós-estruturalista em Educação. *Itinerarius Reflectionis* (Online), v. 11, p. 1-16, 2015.

RAPOSO, Paulo. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia. Dossiê Artivismo: políticas e performances políticas na rua e na rede*. Vol. 4, n. 2, 2015, 3-12.

_____. Festa e Performance em Espaço Público: tomar a rua! *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 089-114, dez. 2014. ISSN 2175-8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2014v16n2p89/33458>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

TAKARA, Samilo. "QUE QUE É ISSO QUE ESSAS BICHAS TÃO FAZENDO?" MICROPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIA EM ENVIADSCER DA MC LINN DA QUEBRADA. In: *Anais do 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/4º Seminário Internacional de*

Estudos Culturais e Educação - Políticas do ressentimento, do medo e da raiva: reverberações na Educação, 2017, Canoas. v. 1. p. 1-13. 2017. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1485905641_ARQUIVO_Queeissoquee_ssbichastaofazendo-artigoSBECE.pdf>. Acesso em 05 jul. 2018.

TEDESCHI, Sirley Lizott; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, *Ahead of Print*, v. 12, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em 06 jul. 2018.

THÜRLER, Djalma; COLLING, Leandro. Processos, metodologias e linguagens artísticas na contemporaneidade: a produção intelectual sobre arte do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade - CUS. (Apresentação). *Revista Ambivalências*, v.4, n. 8, p. 05-12. Jul-Dez/2016. ISSN 2318-3888. Aracaju, 2016.

Financiamento

Bolsa CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.